

# A DEDGRADAÇÃO SOCIOECONÔMICA NA REGIÃO DO COMÉRCIO EM SALVADOR <sup>1</sup>

Fabio Antonio Moura Costa de Souza<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

A partir de meados da década de 70 inicia-se o declínio da atividade comercial historicamente conhecida, e, por que não dizer, da vida urbana no Bairro do Comércio, na Cidade Baixa, assim como na Rua Chile, já na parte alta da cidade do Salvador.

No decorrer dos últimos 30 anos, aproximadamente, o que se vê nessa região do Comércio é um quase abandono por parte do poder público. De forma pontual, a Administração atua com pequenas reformas, implantação de áreas para estacionamento, reestruturação dos equipamentos e serviços já existentes – vide o Plano de Ações Emergenciais do ano 2000 –, com pouca melhoria efetiva para aquela área e para as pessoas que circulam ou exercem atividades no mercado formal ou informal de trabalho.

O surgimento de empreendimentos desenvolvimentistas e investimentos capitalistas tais como: o Shopping Iguatemi, o Centro Industrial de Aratu (CIA), a Avenida Paralela, o Centro Administrativo da Bahia (CAB), o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC), a ampliação do Aeroporto, a transferência da estação rodoviária, a BR-324 e a Estrada do Côco, entre os principais e, ainda, somando-se à própria obsolescência das edificações e infra-estrutura urbana aí implantadas, impulsionam o crescimento de Salvador para o norte da cidade, inclusive a faixa da orla marítima. Além do mais, a preferência em se criar novas firmas ou transferi-las para essa promissora área começa a ser facilmente percebida.

Na mesma medida, o mercado imobiliário em franca ascensão na cidade investe em novos espaços condizentes com esta expansão. São inversões ao longo da Av. Paralela, inaugurada em 1971; condomínios residenciais em Stella Mares; em trechos na Estrada do Côco, entre eles o condomínio Villas do Atlântico (anos 80), e também o adensamento das áreas do Rio Vermelho, Pituba-Iguatemi e Itapoã.

O processo desordenado de expansão física e populacional de Salvador levou ao aparecimento e consolidação de subcentros. Estes, por estarem deveras distantes do centro antigo, começaram a ser dotados de equipamentos sociais e infra-estruturais que, para o mal ou para o bem, os tornaram bastantes autônomos entre si e da área central. E ainda, as demandas por grandes deslocamentos cotidianos sofrem um grande revés quando as atividades econômicas de apoio ligadas ao uso residencial do solo ganham mais importância no contexto de crescente desemprego e pauperização da população a partir da “Década Perdida” (anos 80), contribuindo para o esvaziamento.

Com a nova lógica do crescimento de Salvador, exterior a ela própria, na medida que foi consequência de ações estatais cujo intuito era desconcentrar a atividade produtiva, sobretudo a industrial, do centro-sul para o norte-nordeste a partir dos anos 70, através da Superintendência do Desenvolvimento para os Estados do Nordeste – SUDENE, a região do Comércio começa a perder a sua função de centro comercial e financeiro da cidade. Função desempenhada, entre as de maior destaque, a partir da comercialização das safras de cana-de-açúcar e tabaco e, por isso mesmo, sediando um grande número e variedade de firmas e estabelecimentos.

Naquela época, quando Salvador exercia o papel de escoadouro da produção das fazendas e engenhos situados no Recôncavo, em vista aos mercados consumidores internacionais, a área do Comércio detinha grande *status* social, em face da ocupação e uso do solo, em consequência

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa (em andamento) elaborado para a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, sob a orientação do Professor, Mestre, Francisco Ulisses.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

daquela atividade portuária. Os representantes da classe burguesa que aí possuíam suas firmas também gozavam de grande prestígio na sociedade local.

A nata dessa sociedade soteropolitana circulava por aquelas ruas seja a negócios ou para usufruir o tempo livre com atividades de lazer (restaurantes, centros culturais, compras, interesses pessoais, etc). Com o declínio socioeconômico das atividades ali praticadas e, por conseguinte, de seus praticantes, nota-se a substituição desse conjunto de atividades por outros cada vez menos prestigiados perante aquela sociedade, visto o caráter secundário das firmas ou empresas que permaneceram no referido local. Enquanto isso, novas empresas, ofertando bens e serviços de melhor qualidade, migraram para um novo centro que se iniciara a partir de meados dos anos 70, em um outro local, sob um novo contexto econômico de produção de serviços e circulação de mercadorias.

O fato é que o Bairro do Comércio, quer tenha sido pela falta de atuação do poder público – para que ele continuasse a corresponder às perspectivas da nova conjuntura do mercado econômico que começara a despontar a partir dos já citados empreendimentos desenvolvimentistas e investimentos capitalistas –, quer tenha sido pelas próprias limitações naturais em suportar uma expansão das atividades ou a sua densificação (o que demandaria por mais espaços e também mais infra-estrutura) passa por um processo de decadência que, se não for contido a tempo, poderá tornar-se muito difícil de reverter, haja vista o número de empresários que têm fechado suas firmas nessa região para abri-las em shoppings ou em outros centros com maior fluxo de pessoas, mercadorias e serviços. A década de 90 é considerada como o marco do êxodo das empresas lá sediadas.

Para olhos mais destreinados, talvez, isso que vem acontecendo com o Comércio se configure num acontecimento normal ou até esperado, pois, para a maioria das pessoas, os esvaziamentos de certos setores da dinâmica comercial naquela área foram e são encarados como consequência da sociedade pós-moderna, na qual todas as lojas, empresas e centros de entretenimento se concentram em shoppings e similares. É a ideologia da degradação natural das áreas centrais antigas que o poder público, aliado a interesses de grupos hegemônicos, tenta passar à sociedade como meio de justificar a falta de atuação dos planejadores governamentais ou a ineficiência destes quando da elaboração de Planos Diretores e/ou Urbanísticos.

Até mesmo para os próprios indivíduos que lá desenvolvem suas atividades laborais, percebe-se que alguma coisa não está certa. Há consciência de que aquela região já não é, há muito tempo, o mesmo centro de outrora, mas não fica clara a causa das mudanças. Comerciantes e comerciários, entre vários outros ofícios, que na sua grande maioria já trabalham ali, há muito anos, lamentam o fechamento de lojas tradicionais em vários ramos de venda atacadista e de varejo. Da mesma forma, alguns bancos transferiram suas agências para outros logradouros mais convenientes. Os preços dos terrenos vêm se desvalorizando. Escritórios, mercados, farmácias, cartórios, restaurantes finos, consultórios, alfaiatarias, cines, etc. mudaram seus endereços ou simplesmente fecharam suas portas. Edifícios, antes luxuosos e cheios de glamour, como o Ed. Lincoln, o Ed. Centenário, o Ed. Estados Unidos e o Cidade de Ilhéus encontram-se em péssimo estado de conservação ou quase vazios, bem como ruas e praças, antes movimentadíssimas de transeuntes, agora servem de local de descanso e esconderijo a pedintes e marginais.

Também o Terminal da França, antes tão movimentado com grandes fluxos de pessoas e de linhas de ônibus, teve a sua função tão reduzida por esse processo que passou a ser apenas ponto de passagem para o transporte coletivo, tendo em vista a retirada de várias linhas de operação que já estavam com um baixo índice de produtividade (IPK).

Toda aquela atmosfera de ostentação, charme e prestígio social que fazia parte daquele pedaço de Salvador já não combinam em nada com o atual Comércio. Só para citar alguns problemas, os proprietários de firmas com estabelecimentos unitários, que não fazem parte de redes, têm muitas dificuldades em se manter funcionando, e as filiais de redes de lojas não têm a mesma rotatividade dos estoques que outras unidades em outros locais.

Quando um centro de negócios e decisões, do tipo que o Comércio já representou, perde a sua força a ponto de serem propostos planos de revitalização, como o elaborado pelo Instituto

Miguel Calmon, por volta de uns dez anos atrás, é porque algo estrutural foi modificado ou se modificou. Esse fenômeno precisa ser investigado, debatido e contornado. Caso a economia soteropolitana, como um todo, sofresse uma queda em sua dinâmica, esse fato não se sobressairia. O que destoa nessa conjuntura é a perda de importância que o Comércio atingiu no cenário regional nos últimos 30 anos, em contraposição ao crescimento experimentado por Salvador, em todos os ramos de negócios, e pela sua região metropolitana nesse mesmo período.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral**

Fazer um exercício de “leitura” da cidade do Salvador, como um todo, enfocando especificamente o Bairro do Comércio para que, desta maneira, se possa perceber esta região e suas particularidades, porém sem perder o seu referencial macro: toda a cidade, e, também, a própria Região Metropolitana do Salvador (RMS).

### **2.2. Específicos**

- a) Tomar ciência do processo de desenvolvimento (apogeu – decadência) da área em questão levando-se em conta apenas os aspectos históricos sem, a priori, empregar qualquer tipo de análise ou elucubração a respeito dos fatos.
- b) Realizar um estudo exploratório na região do Bairro do Comércio, que possa apontar a sua atual configuração socioeconômica, fazendo um levantamento das atividades comerciais e/ou de prestação de serviços, bem como do perfil da população residente na área compreendida e, ainda, das relações de interação dessa região com o seu entorno, numa visão micro, ou com a sua mancha de influência, numa abordagem macro. Relações, sobretudo, do tipo fornecedor x cliente.
- c) Demonstrar como a grande importância econômica/financeira do Bairro do Comércio, para Salvador e sua região metropolitana, “migrou” para outras áreas da cidade, caracterizando-as e tentando alcançar as raízes desse processo.
- d) Levantar uma discussão, através de um entendimento das atuais e reais potencialidades do Bairro, para que possam ser elaborados programas que não visem somente a revitalização urbanística, que resgate uma pretérita posição socioeconômica e arquitetônica de destaque na sociedade baiana, mas sim de programas que promovam a reestruturação do Bairro dentro dos moldes contemporâneos da dinâmica econômica de Salvador, articulando-o, de maneira efetiva, na produção de serviços e circulação de pessoas e mercadorias. Cabe aí ressaltar a importância de como o PDDUA/2002 trata desta problemática.
- e) Trazer à tona a questão sobre a implementação de políticas públicas que pudessem evitar ou amenizar que os centros dinâmicos atuais, de senso comum assim considerados, como o Comércio já foi, sofram este tipo “padecimento”.

## **3. METODOLOGIA**

### **3.1. Tipo de Pesquisa**

Este estudo deverá ser estruturado nos moldes do empírico por estar lastreado, eminentemente, na coleta e análise de dados colhidos na própria dinâmica urbana vivida pela região do Bairro do Comércio, apesar de contar com um superficial conteúdo histórico necessário à conexão entre os fatos.

### **3.2. Procedimentos**

Deverão ser empregados os métodos histórico e monográfico. A pesquisa histórica (porém não tão aprofundada) deverá ser realizada com o fito de situar essa região no tempo e espaço, direcionando-a, desde já, no sentido das transformações ocorridas nos diversos momentos da prática de atividades econômicas e relações sociais desenvolvidas nessa área. E o método monográfico proporcionará a devida delimitação do tema em relação ao objeto de estudo, proporcionando o aprofundamento necessário nos vários aspectos concernentes à questão.

### **3.3. Documentos**

Para tanto serão utilizadas matérias de jornais e revistas (antigas ou recentes); material cartográfico (mapas ou plantas da área); fontes estatísticas como o Censo 2000/IBGE e a Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED/DIEESE, entrevistas/formulários (transeuntes, comerciantes, comerciários, associações locais e autoridades); material fotográfico (antigo ou recente) e os programas ou projetos da Prefeitura ou do Governo do Estado sobre a região do Comércio.

## **4. RESULTADOS / CONCLUSÕES PARCIAIS**

Esta decadência do Comércio parece ser mais diretamente ligada à falta de planejamento e ações por parte do Governo do que a um processo de degradação natural como muitos entendidos apregoam.

Até à época do EPUCS – Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador, dos anos 40 – pode-se dizer que esta região estava inserida em uma proposta urbana para a cidade, na medida que busca integrá-la na circulação urbana por meios de vias radiais e concêntricas às áreas do seu entorno que então se expandiam. Mas foi só. Os planos que o sucederam como PLANDURB, EUST e PMD's já estavam sob uma outra lógica voltada para um projeto nacional desenvolvimentista, na qual vários empreendimentos e projetos foram implantados como já citados anteriormente.

Um processo inexorável de decadência e degradação do Bairro do Comércio pode ser constatado. Sendo assim, que sejam colocados em prática estudos, idéias e projetos idealizados pelo poder público através da SEPLAM – CONDURB – CONDER, com participação ou não da sociedade civil organizada: Associação Comercial da Bahia – ADEMI – CRESCI – Associação da Empresas do Comércio (AECO) são alguns exemplos dessa possível parceria.

Após vários anos de reuniões, discursos e discussões adotando-se várias linhas de pensamento, a SEPLAM, na pessoa de seu secretário Manoel Lourenzo, parece desta vez encampar um projeto no qual o futuro da região em debate vai ser se tornar uma cidade universitária. Ela abrigará as universidades propriamente ditas ou departamentos/escritórios delas, podendo também conter alojamentos para estudantes (“repúblicas”), de modo a facilitar a vida dos universitários interioranos. Mas e quando vierem as férias ou recessos? O bairro ficará vazio novamente?

Foi dito acima que a SEPLAN parece encapar este projeto das universidades visto que nos últimos anos vários projetos e idéias foram anunciados como prováveis soluções para a paulatina decadência do Bairro e, no entanto, nada de substantivo foi implantado. Já se falou muito em estimular a ocupação residencial com a implantação de equipamentos e atividades de apoio a este tipo de uso do solo, sem que nada fosse efetivado.

Também, segundo o secretário desse órgão municipal, existiam no ano de 2000 três propostas de intervenção pública no Executivo municipal relacionadas aos setores de transportes e atividades comerciais ligadas a telecomunicações: a primeira é melhorar o acesso à área estendendo a linha férrea da Calçada até o Comando dos Fuzileiros Navais por meio do VLT (veículo leve sobre trilhos). A segunda trata da Via Portuária que interligará a Feira de Água de Meninos a Barros

Reis, com o intuito de aliviar o tráfego de veículos pesados. E a terceira é a instalação de uma rede de fibra ótica na Cidade Baixa que possa atrair empresas de *call centers* para operarem nesta área, ocupando prédios atualmente vazios.

Até transferir o Carnaval de Salvador para as ruas do Comércio, em detrimento do circuito Barra-Ondina, já foi cogitado como uma das ações para a sua revitalização, vide a realização desde 2002 do Bloco da Parceria. Existem discussões, existem idéias e todo um clima de vontade popular em “revitalizar” o bairro. Entretanto, a Administração Pública parece estar sempre numa posição de incertezas quanto ao uso do solo a ser definido para a área, como se estivesse a esperar indicações de um cenário econômico globalizado que nunca parecem se concretizar. Em contrapartida, a iniciativa privada prefere manter-se ao largo de investimentos de riscos, pois não tem segurança nas ações imediatistas e desconexas empreendidas pela Prefeitura.

Diante dessa problemática, toda a população soteropolitana fica à espera de um destino adequado para a área. Não que se objetive devolver ao Comércio o papel que ele já desempenhou para Salvador e RMS, mas recolocá-lo dentro de uma vida urbana saudável como os demais centros consolidados da cidade.

## 5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1998, caps.13, 19 e 20.
- BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. **Trinta Anos da Indústria, Comércio e Turismo na Bahia – 1966 / 1996**. Salvador: IPA / UNIFACS, 1997.
- CARVALHO, Edmilson; PORTO, Edgar. Concentração e Descentralização na Região Metropolitana de Salvador. RDE – Revista de Desenvolvimento Econômico. Salvador, UNIFACS, Ano 3, 4, pp. 73-89, jul. 2001.
- COSTA, Wanderley Messias da. **O Estado e as Políticas Territoriais no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 88 p.
- GORDILHO-SOUZA, Ângela. Limites de Habitar: Segregação e Exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. In: **Cidade de Salvador: ocupação urbana, habitações e segregação na configuração da metrópole moderna**. Salvador: EDUFBA, 1000, cap. 2, pp. 81-199.
- INSTITUTO MIGUEL CALMON. **Programa de Revitalização do Comércio**. Salvador: 1992. 73 p.
- NEVES, Laert Pedreira. O Crescimento de Salvador e das demais cidades baianas. Salvador: Centro Didático e Editorial da UFBA, 1985. 100 p.
- SALVADOR. **Plandurb – EPUCS, uma experiência de planejamento urbano**. Salvador: OCEPLAM, 1982. 122 p.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Lógica da Especulação Imobiliária. In: MOREIRA, Ruy (org.). **Geografia: Teoria e Crítica**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 131-146.
- OLIVEIRA, Francisco de. O Estado e o Urbano no Brasil. Espaço e Debate – Revista de Estudos Regionais e Urbanos. 6, p. 36-54, São Paulo, jun.1982.
- REZENDE, Cyro. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 1999. 208 p.

PORTO, Edgar. **Desenvolvimento e Território na Bahia**. Salvador: SEI, 2003

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia Nas Cidades Brasileiras**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2001. 74 p. (Repensando a Geografia)

SAMPAIO, Antonio Heliodoro Lima. **Formas Urbanas: Cidade Real e Cidade Ideal**. Contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto Editora; PPG/Arq, Faculdade de Arquitetura de UFBA, 1999. 432 p.

SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. Teoria de Localização e de Desenvolvimento Regional. Geografia. v. 1, 2, p. 1-23, Rio Claro, out / 1976.

SINGER, Paul. O Uso do Solo Urbano na Economia Capitalista (1978). In: MARICATO, Ermínia (org.). **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. pp. 21-36.

SOUZA, Maria Adélia A. O II PND e a Política Urbana Brasileira: Uma contribuição evidente. In: DEAK, Esaba e SCHIEFER, Sueli Ramos (orgs.) **O Processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999, pp. 111-143.

TEIXEIRA, Fernando S. B. **Retrospectiva do Planejamento Urbano de Salvador**. Salvador: Secretaria do Planejamento (SEPLAM), 1998. 67 p.

#### **Referências da Internet**

CARVALHO, Pedro. Imóveis vazios e preços em queda ilustram processo de decadência do Comércio de Salvador. Correio da Bahia On Line. Salvador. Disponível em: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br) Acessado em: 15 e 16 abr. 2000.

MATOS, Renata. Secretário Municipal de Planejamento apresenta plano emergencial para renovação da área. Correio da Bahia On Line. Disponível em: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br). Acessado em: 11 ago. 2000.

SANTANA, Cátia. Prefeitura vai melhorar acesso para o Comércio. Correio da Bahia On Line. Salvador. Disponível em: [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br). Acessado em 22 mar. 2001.

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO. **PRODETUR**. Disponível em: [www.sct.ba.gov.br](http://www.sct.ba.gov.br).